

O HUMANISTA HEINRICH BOLL

DOLORIS RUTH SIMÕES DE ALMEIDA (LLE-UFSC)

O coração de um grande humanista cessou de bater. Morreu Heinrich Boll. Nascido na Alemanha, na cidade de Colônia, a 21.12.1917, o mais conhecido dos escritores alemães do após guerra, faleceu na casa de seu filho, na localidade de Bornheim - próximo a Bonn - no dia 16.07.1985.

A vivência e a recordação da guerra o marcou desde a mais tenra idade.

"Minha primeira lembrança: a imagem do desolado exército de Hindenburg, retornando, com cavalos e canhões cor de chumbo, atravessando frente a nossa janela; no colo de minha mãe, olhava a rua onde fileiras sem fim marchavam em direção às pontes do rio Reno..." (1)

Este destino de ser a vítima de conflitos armados, mas ao mesmo tempo também de ser agente ativo ou passivo, Fragmentos; n. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 1, 197-242, Jan./Jun. 1986

foi um dos grandes temas de toda sua obra, não só a literária , produto de sua profissão de escritor, mas também a ensaística e a panfletária, resultado do posicionamento de cidadão consciente.

Heinrich Böll pertence a uma geração de homens, dos quais muitos, em um dia qualquer dos meses de março, abril ou maio de 1945, confinado em um dos muitos campos de prisioneiros de guerra, constatava que o mundo estava reduzido a cinzas, mas a vida continuava. Em suas recordações da infância e da juventude, da época escolar, dos inícios do nazismo, declara e relata a sua posição anti-fascista desde que começou o movimento, principalmente nas escolas, envolvendo professores e alunos: lembra quando, na escola, apenas com dois outros companheiros se negava a participar das iniciativas patrióticas e das atividades extra-classe. Em casa, no seio da família, a repulsa ao emergente nacionalismo era total.

Böll rejeitava os passeios coletivos de sua classe nos fins de semana substituindo-os por longas voltas de bicicleta, quando percorria as ruas e bairros de sua Colônia, numa atividade individual que lhe dava imenso prazer.

Mas toda esta evasão consciente da onda avassaladora de guerra não o livrou de servir o exército, vestir uniforme, ir para a frente de batalha e no final ser prisioneiro, como muitos outros.

Assim ele descreve a geração que saía dos campos de prisioneiros, reportando-se à terrível expressão de Theodor Adorno, de que "após Auschwitz não poderão mais ser escritas poesias ", com as seguintes palavras:

"Faço uso destas palavras e ousou uma modulação: depois de Auschwitz não se pode mais respirar, comer, amar, ler - mas quem respirou uma vez, quem apenas acendeu um cigarro, decidiu sobreviver, ler, escrever, comer, amar.

Um sobrevivente, e como tal falo a todos.. como alguém que lê e que escreve, que casou e fumou cigarros; como alguém que prolongou sua estadia..." (2)

O direito a esta estadia foi questionado ininterruptamente por B811, que nunca perdeu de vista o passado e todas as implicações deste: o nazi-fascismo, o militarismo, a discriminação, a violência, o ódio, a destruição.

A sobrevivência de uma geração que, por seu passado, não teria mais o direito a respirar, comer, amar e ler.

B811 encontrou uma imagem para esta sobrevivência: uma geração que cegamente toma um bonde e que se deixa levar.

"Nós no entanto, continuávamos... de bonde, avançando, esperando que viesse uma estação, algum lugar que nos parecesse conhecido, para que arriscássemos a desembarcar : o ponto de parada não chegava nunca. Alguns acompanhavam por mais um trecho, outros saltavam em qualquer lugar, fazendo de conta que haviam chegado a seu objetivo. Nós, no entanto, íamos adiante, adiante, o preço da passagem aumentava automaticamente e além disso nós ainda tínhamos que acertar o preço da grande e pesada bagagem: esta nula massa que nós estávamos condenados a carregar; e um grande número de controladores passava por ali, mas a eles nós trávamos, com um repuxar de ombros, nos-

sos bolsos vazios. Eles não podiam se desfazer de nós, o trem avançava em grande velocidade... mas nossos nomes eram anotados... a velocidade do trem aumentava e a vontade e a coragem de desembarcar era sempre menor. No fundo tínhamos decidido alargar a bagagem ali mesmo no bonde; que a secção de achados e perdidos desse jeito, tão logo houvésemos chegado ao ponto final; mas o ponto final não chegava..." (3)

E é justamente isso que Böll não queria; ele não estava disposto a ser um deles que continuava a viver, que voltava a fumar, que entrava na rotina diária, dando as costas ao passado, deixando-se levar a um objetivo desconhecido, pagando um preço cada vez mais alto e acima de tudo: ver-se livre da bagagem pesada como chumbo, ver-se livre dela de qualquer jeito, em qualquer lugar.

Essa corrida desvairada e irrefletida, à procura do conforto da conta bancária, dos privilégios dos ricos, esta ânsia em direção ao "milagre econômico" foi a grande preocupação de Böll, e deste alertar e desta luta pelo bom senso não se afastou um milímetro em toda essa sobrevivência que lhe foi dada.

Entre o passado horrível, que culminou na destruição total de 1945, entre a pecha resultante da violência desuma na como de atos praticados nos campos de concentração, e o futuro que se iniciou com a remilitarização, com o rearmamento, com as leis de segurança, com o lucro desmedido e a poluição da natureza, com o estacionamento das bombas Pershing, Böll sobrevive e se define:

"Um sobrevivente e como tal falo aos Senhores... como alguém que lê, escreve, ama..." (3a)

No presente artigo, estamos procurando voltar a atenção do leitor justamente também para a obra ensaística de Böll, para justificar o conceito de "grande humanista", citado no início.

A O P Ç Ã O P E L A S L E T R A S

Assim Böll, que sobrevive para ler, escrever e amar, opta por uma literatura, a única que tem razão de ser após 1945. E esta opção está em toda a sua obra sejam contos, romances, peças teatrais e de rádio, ensaios, manifestos, discursos, entrevistas. Em 1961 ele diz:

"Que o autor deva ser engajado, eu considero como óbvio. Para mim o engajamento é o pressuposto, é por assim dizer o fundamento, e tudo o que eu coloco sobre este fundamento é o que entendo como arte." (4)

Este engajamento tem a ver com seu conceito de Realidade. Já em 1953 Böll escreve no artigo "O homem contemporâneo e a Realidade"

"A simples enunciação da palavra Realidade geralmente desencadeia um mal estar... O homem de hoje acredita que realidade seja algo feio e atormentador; que não se deva aproximar dela;... Não há nada que não tenha a ver conosco, isto quer dizer, positivamente: tudo tem a ver conosco.

A realidade é como uma carta dirigida a nós, mas que deixamos sem abrir, porque o trabalho de abri-la nos é desagradável - ou porque nos é incômoda a idéia de que seu conteúdo fosse de tristeza. Essa idéia nos parece quase uma certeza. A realidade é uma mensagem que quer ser aceita; ela é dada ao homem, é uma tarefa que ele deve solucionar.

Nós temos que abrir a carta e tentar resolver a tarefa. (5)

Bêll vê como tarefa do escritor que, com o auxílio da fantasia, deverá decifrar a realidade, partindo dos fatos:

Nossa fantasia também é real, um dom real que nos é dado...

Fantasia não tem nada com fantasmagoria, nada com fantasmas. Fantasia, isto é nossa força de imaginação, nossa capacidade de fazer uma imagem de algo...

A realidade não nos é presenteada, ela exige nossa atenção ativa e não apenas passiva...

O real está sempre um pouco mais além do que o atual... Para reconhecer o real no atual, temos que movimentar nossa força de imaginação, uma força que nos capacita a criar uma imagem (quadro). O atual é a chave para o real.

O homem contemporâneo pode ser comparado a um viajante que, numa estação de sua terra, embarca noite adentro num trem em direção a um objetivo, cuja distância lhe é desconhecida: no escuro o viajante se assusta e meio sonolento ouve do alto-falante de estações desconhecidas a voz de alguém, que diz onde se encontra. São enunciados, que lhe parecem irrealis, nomes de um mundo estranho, que parece não existir: um pro

cesso fantástico - mas nós temos que saber
que nossa fantasia humana se movimenta sempre
no real. (6)

Decifrar a realidade com uma finalidade definida,
influenciar, educar, mudar, agir sobre.

Esta ação Böll pratica com o amor do mandamento
cristão "amar o próximo como a si mesmo". Nessa decisão de so-
breviver com amor, ele acusa o des-amor e como humanista funda-
mentalmente, cristamente sua obra se desenrola entre o pas-
sado, que não consegue esquecer, e o futuro que vê desgraçado pe-
lo presente desumano.

Böll, com razão, é chamado o escritor da realida-
de, um realista como artista.

A S O B R A S

1: Os amargos anos da guerra e do pós-guerra

Em declarações, Böll conta que antes da guerra já
havia tentado as letras, mas essas tentativas foram queimadas
em um bombardeio da sua casa em Colônia, o que aliás ele não la-
menta nem considera como perda.

Ainda como prisioneiro de guerra em campo america-
no na França, Böll declara que naquele momento vira para a Ale-
manha "não um marco zero, mas uma hora nada" (Stunde Nichts).

Decidido a viver de sua pena, ser escritor, não
se isolou na Torre de Marfim e o sentido da atividade literária
está inconfundivelmente em toda a sua obra, seja nos contos, pe

ças de teatro e de rádio, romances, ensaios, discursos, declarações, manifestos e entrevistas: que é a participação social.

A produção literária de Böll poderia ser dividida, a grosso modo, por décadas (50, 60, 70) seguindo uma certa tendência de toda a produção literária do país.

1945, o "ano nada", como declarara Böll em 1985, fazendo uma retrospectiva, foi o marco da capitulação, após um domínio de doze anos de nazifascismo, com seu gigantesco sonho de um terceiro Reich que teria a duração de mil anos de domínio sobre povos e raças, com a fé na onipotência e onipresenças Führer. Foram anos de autoritarismo despótico e de guerra. que não só infernizaram a existência de outros povos, mas também dos próprios alemães. Um dos primeiros escritores do pós-guerra foi o jovem Wolfgang Borchert, que em 1945 retornando do front, com a saúde fortemente abalada vem a falecer em 1947, mas suas obras vieram a ser largamente publicadas na década de 50 e para uma delas Heinrich Böll escreveu o comentário "Die Stimme Wolfgang Borcherts" (a voz de W. Borchert).

"Esta coletânea que pode ser adquirida pelo preço de uma única entrada de cinema, se destina àqueles que hoje devem ter a idade que Wolfgang Borchert tinha quando esteve pela primeira vez numa prisão militar: as cartas do jovem soldado W. Borchert, de vinte anos, foram consideradas perigosas ao Estado; Borchert condenado à morte, e confinado a uma cela durante seis semanas, até que recebeu a suspensão da pena - Ter vinte anos, esperar seis semanas dentro de uma cela e sabendo

que teria que morrer, por causa de algumas cartas, nas quais foi dita a opinião sobre Hitler e a guerra! Os jovens de hoje poderão assim reconhecer o valor de uma opinião, quão alto é o preço que se pode pagar por ela." (8)

A compreensão para os sofrimentos dos terrores da guerra levam à tematização do passado recente nos primeiros romances que são obras de alguém que teve que ser soldado na guerra de Hitler, que experimentou o desmoronamento total, a ruína e os escombros. A partir de 1947 surgem os primeiros contos, publicados em revistas e jornais e em 1949 sai o primeiro livro. Der Zug War Pünktlich e em 1950 a coletânea Wanderer Kommst du nach Spa... Destinos em uma guerra com sua destruição e desumanidade, sua falta de sentido no pós-guerra.

Der Zug War Pünktlich (O trem foi pontual) tem sua ação situada em 1943 e descreve um pequeno período na vida de um soldado, a partir do momento em que ele toma o trem em uma estação da região do Ruhr para retornar à frente de batalha na Polônia.

O trem superlotado, que avança seguindo a rota, no fim da qual o soldado sabe que vai encontrar a morte. Outros soldados jogando carta, repartindo o pão e a bebida, enquanto que suas fisionomias vão se transformando. Os jovens soldados desembarcam do trem e nos últimos minutos, que antecedem ao envolvimento no front, ainda se dirigem ao bordel da cidade.

O encontro do jovem soldado com a moça polonesa, estudante de música, que se prostitui para conseguir informações para a força de resistência, a sublimação do amor; poucas horas após, o jovem é vítima de atentado e vem a morrer.

Nesta obra Böll consegue descrever com realismo gravante, principalmente a parte da viagem do trem. Este é ato de remostar a guerra até à náusea, a selvageria, os danos, a dor e a desgraça.

O segundo romance Wo Warst du Adam? de 1950 também traz a guerra e a morte como tema.

O título, Onde estavas, Adão? revela que o envolvimento na guerra não é desculpa perante Deus. Em nove quadros é mostrado o destino de um grupo de oficiais e comandados no caminho de volta da Rumênia. Aqui nestes episódios, a guerra se mostra ainda com toda a sua crueldade: o homem vítima, o homem sacrifício. Böll mesmo se declara integrante desta literatura que coloca as vivências da guerra, do pós-guerra em seus diversos aspectos nas suas obras. No ensaio Bekentnis zur Trümmerliteratur (Posicionamento pela Literatura de Escombros) ele escreve:

"As primeiras tentativas que nossa geração empreendeu nas letras, após 1945, foram chamadas de "literatura dos escombros" tentando desvalorizá-las. Nós não nos opomos a esta designação, porque ela tinha sua razão de ser: de fato, as pessoas sobre as quais escrevíamos, estavam vivendo entre escombros, elas haviam retornado da guerra, homens e mulheres, igualmente feridos, crianças também. Eles estavam com os olhos aguçados, enxergando tudo. Esta gente não estava vivendo a paz. Seu ambiente, sua saúde, nada de seu tinha alguma coisa de idílico. E nós, escritores, nos sentíamos próximos a eles, tão próximos que nos identificávamos com eles. Com os

contrabandistas ou mesmo suas vítimas, com refugiados e todos aqueles apátridas, principalmente com a geração a qual nós presenciemos e que em grande parte se encontrava numa situação peculiar e estranha: esta geração retorna à pátria (ao lar). Era o retorno de uma guerra de inacreditável fim.

Portanto, o tema de nossos escritores era a guerra, a volta ao lar, tudo aquilo que havíamos visto na guerra e o que havíamos encontrado na volta: escombros. Assim que disto tudo resultaram três palavras-chaves que se incorporaram na nova literatura: literatura de guerra, de retornantes e de escombros.

Estas designações têm sua justificativa: houve guerra, seis anos, nós estávamos retornando desta guerra, nós encontráramos escombros e escrevíamos sobre isso."

(9)

Böhl refere-se ainda a um escritor que lhe serve de modelo e que soube ser justo com seu tempo - Charles Dickens.

"... cedo escreveu romances e nestes romances narrou tudo o que seus olhos haviam visto: os olhos haviam penetrado no interior das cadeias, das casas de pobres, das escolas inglesas; o que o jovem havia visto era deplorável, mas ele escreveu sobre tudo e o estranho foi que seus livros foram lidos por muitas pessoas, o jovem escritor teve sucesso como poucos; as prisões foram reformadas, a casa dos pobres e as escolas vieram a sofrer consequência - profundas mudanças. (...)

Eu repito: um bom olho é imprescindível para a atividade do escritor, um olho tão bom que lhe permita ver as coisas que ainda não despontaram no seu horizonte óptico." (9a)

Fragmentos; r. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 1, 197/242, Jan./Jun. 1986

Büll vê a tarefa do escritor nesta ação de intervir na situação ("e elas sofreram profundas mudanças") e de manter viva uma experiência catastrófica para que não se caia no mesmo erro:

"É nossa tarefa de lembrar, que a humanidade não apenas existe para ser administrada e que a destruição deste nosso mundo não é apenas de exteriores e nem de natureza tão diminuta que a gente possa ousar curá-la em poucos anos.

...Homero é o pai da narrativa européia, mas Homero narra sobre a guerra de Tróia, e sobre a volta de Odisseu - literatura de guerra, de escombros e de retornantes - nós não temos que nos envergonhar desta designação." (9b)

Consciente do gênero que fazia, dos temas que abordava, da mesma maneira consciente, Büll passa para outro momento histórico, voltando seus olhos para uma situação atual.

2. O milagre econômico

Uma fase diferenciada pela temática é a dos anos 60 quando Büll publica Und sagte kein einziges Wort (1953), onde discute criticamente o processo social e moral de formação da nova Alemanha, a República Federal e seu milagre econômico. Torna-se evidente o que parece característico nestes anos, que são os paralelos ainda visíveis nesta sociedade: a miséria do pós-guerra e a prosperidade, aqui ruínas, lá novas construções; cá as consequências espirituais da catástrofe, lá os sinais do

Fragments; r. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 1, 197/242, Jan./Jun. 1986

milagre econômico.

Fed, empregado de uma repartição religiosa, recebe seu ordenado, colocá-o num envelope, envia-o para sua esposa e vai a uma tenda para jogar num automático. Ele narra. Ela narra como recebeu o dinheiro, como está instalada, o que se passa com as crianças, como a torneira está sempre a pingar, como ela ouve alguém cantar: "E não disse palavra nenhuma". São duas vozes. Uma ladainha. Ele não mora com ela, a família lhe dá nos nervos. Ele vive na cidade. Às vezes eles se encontram, esforçam-se para fazer de duas vozes uma só, depois se separam, irritados com um ambiente, do qual eles são parte integrante, mas que foi abalado e cujas feridas também são as deles.

Böhl publica regularmente. Em 1954 sai Haus ohne Hüter (traduzido para o português com o título Casa sem dono): dois garotos, nos anos do pós-guerra, que não conheceram seus pais, um deles vive numa casa de luxo, o outro num ambiente modesto.

O relacionamento destas crianças com as mães-viúvas, uma infeliz num ambiente requintado, a outra igualmente infeliz, tendo que receber diversos "tios" que ajudam a sua subsistência. O romance se ocupa principalmente da descrição destes dois meninos entrando na puberdade.

Das Brot der frühen Jahre " (O pão dos anos primeiros) publicado em 1955, é um conto de maior envergadura.

Böhl amava a Irlanda e por volta dos anos 1955 passou uma temporada mais longa na ilha, pois ele se sentia ligado aquela gente, eles eram seus parentes eletivos. Em gratidão aos belos tempos que lá passou escreveu Irisches Tagebuch (1957), (Diário Irlandês) cujas primeiras linhas dizem o seguinte:

Fragments; n. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 1, 197/242, Jan./Jun. 1986

"Quando cheguei a bordo do vapor, eu vi, escutei e cheirei que havia transposto uma fronteira, ... aqui, no navio, a Inglaterra se encerrou: aqui já cheirava a turfa, soava o céltico gutural vindo do convés intermediário e do bar, aqui a ordem social da Europa apresentava outras formas: pobreza não só não era mais "vergonha", ela não era nem honra nem vexame: ela era - como instante de autoconsciência social - tão insignificante quanto a riqueza; ..." (10)

Assim descreve Böll a terra e a gente da Irlanda, não sem antes avisar:

"Esta Irlanda existe: mas quem vai até lá e não a encontrar, não tem direito a ressarcimento do autor."

3. Os silêncios acusadores

O olhar crítico de Böll não pode deixar de se fixar nas anomalias de nossa sociedade e para colocá-la em ridículo, usa também da sátira. Dr. Murkes gesammeltes Schweigen (A Coletânea de Silêncios do Dr Murke) é a sátira que desmascara o serviço radiofônico da Alemanha. Se ele tivesse escrito um ensaio, não teria atingido tão certeira o ponto nevrálgico da questão. O que Böll narra em "Doutor Murke" é a história de uma barganha, de uma troca. Dr. Murke é o redator-chefe do departamento cultural de uma estação radiofônica e cabe a ele a-

jeitar as gravações para seus programas, entre eles o do apresentador Sr. Bur - Malottke, arrependido de haver usado explicitamente o nome de "Deus" com tanta frequência em seu programa. Os tempos mudaram e agora deseja substituir a palavra "Deus" pela expressão "aquele espírito supremo que nós adoramos".

Mas o "Deus" supérfluo retirado das fitas já gravadas, poderá ser aproveitado em outra gravação: são introduzidos os "Deus" da outra fita na entrevista com um ateu, que apresentava como respostas apenas um silêncio. O que sobra são retalhos com silêncios, que Dr. Murke leva para casa.

Büll desmascara aqueles que agora, nesta década de 60, abandonam o discurso religioso aberto assim como anteriormente abandonaram o discurso nazi-fascista. O autor, por sua vez, cede o espaço da sua dúvida para a inclusão de outra coisa. Não há mais integridade. E este estado de espírito, este meio termo, esta situação "morna" que Büll deseja atingir, com sua sátira (um olhar é lançado por trás dos bastidores): o ambiente da emissora é apresentado com um distanciamento que permite ao leitor uma posição de crítica.

Dr. Murke é o acadêmico com grau de doutor, que ocupa uma posição aparentemente importante, mas que é um pobre coitado na engrenagem que pertence a um todo maior.

Ele não tem outra opção, faz o que lhe é ordenado, mas na medida do possível coloca suas pedrinhas nesta engrenagem - ele procura resistir a sua maneira: Bur-Malottke tem que repetir tantas e tantas vezes a nova "fórmula" que a sua falta de caráter fica tão evidente que ele chega a se convencer a si mesmo disso.

A sátira A coleção de silêncios do Dr. Murke é uma literatura de resistência. Por toda a sua produção até aqui Böll recebe o prêmio Renania-Westfalia.

4. A retrospectiva das duas guerras

No ano de 1959 é publicado o romance Billard um halbzehn (Bilhar às nove e meia) que em 1960 é premiado na Suíça com o Prêmio Charles Veillon.

O título do romance provém do jogo de bilhar que o engenheiro calculista Robert Fühmel - o pai e o filho são também arquitetos - costuma fazer diariamente das nove e meia às onze da manhã nos salões do Hotel Prinz Heinrich. Este jogador não vê apenas o pano verde da mesa de bilhar, ou as bolas de marfim: ele vê figuras. O espaço do romance é a cidade junto ao rio Reno, "onde a igreja ostenta cincô torres". O tempo se estende desde 1907 (1917, 1942) até 1958, quando se desenrola o destino das três gerações de engenheiros. O romance, no entanto, se passa todo em um dia: 6 de setembro de 1958.

O símbolo da atividade de construção e destruição desta família através de seus momentos históricos é a abadia de Santo Antônio, autorizada a ser construída por Heinrich Fühmel em 1907; nos últimos dias da segunda grande guerra foi dinamitada pelo filho Robert e finalmente, no pós-guerra será reconstruída por uma equipe, da qual faz parte seu filho Josef, neto do construtor da abadia. Neste dia 6 de setembro Josef encontra as marcas de giz que o pai desenhara para colocar a dinamite na abadia.

Neste dia 6 de setembro de 1958, retorna do exílio um amigo de Robert, admirado ele constata que 13 anos após o fim da guerra os antigos donos do poder, os nazistas, estão muito bem colocados em posições de mando, (Vorsicht, Herr Schreila, Vorsicht, Manchmal meineich: die haben doch gesiagt) como se eles tivessem vencido a guerra. (pg. 212)

Neste mesmo dia Johanna Föhmel, a mãe de Robert, internada há muitos anos, recebe alta da casa de saúde e quer atirar num velho fascista que havia provocado tantos atos de horror, mas o alvo vai dar num político oportunista que usa os fascistas para seus interesses. Todo o passado e o presente fluem em monólogos interiores e exteriores, a perspectiva é múltipla e ilumina e explica o presente pelo passado.

Neste romance a guerra, o pós-guerra, os anos de escombros e os anos de progresso, fartura, milagre econômico estão todos aí.

É a primeira obra de Büll, que procura dar uma razão do desencanto do autor sobre a situação da República Federal em 1958:

"Eu tenho medo, e as pessoas que eu encontro - será que é engano meu? eu não os considero menos ruins que aqueles que deixei aqui " estas são as palavras do amigo que retornava em 1958. E aqueles que hoje, neste ano, falam de fraternidade são catalogados de comunistas: Enders, um dos colegas da escola primária, agora sacerdote, foi enviado a uma aldeia onde faz suas prédicas:

"ele diz àquela gente que todas as criaturas são irmãs?

"Eles certamente pensam - será que ele não é mesmo um comunista?" (pg. 319)

Fragments; n. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 1, 197/242, Jan./Jun. 1986

Assim são rotulados os que crêem na fraternidade. Em toda a obra literária de Böll está contido seu pensamento cívico e moral, tão claramente manifesto também nos encontros, seminários, discursos, preleções que prestou ao longo de sua vida de escritor de renome.

5. Onde está teu irmão?

Heinrich Böll foi e é uma instância; ele foi a voz que não silenciou, ele foi a consciência que não esqueceu o passado e não fechou os olhos para o presente e para o futuro. Desde as Preleções de Frankfurt (Frankfurter Vorlesungen) publicação de uma série de conferências sobre poética, realizadas na Universidade de Frankfurt, ele deixou bem claro que moral e estética são congruentes. Portanto, uma voz sempre se fazia ouvir onde acreditava a injustiça, a perseguição, a repressão e a desumanidade: todas as criaturas de todo o universo eram seus irmãos e irmãs. No dia 8.3.1956, Böll profere um longo discurso por ocasião das comemorações da "Semana da Fraternidade", organização que ele ajudou a fundar e da qual se retirou anos mais tarde, por considerá-la hipócrita demais. Alguns trechos do discurso de 1956:

"Cada geração vale exatamente pelo pequeno número daqueles que conseguirem atravessar o limiar (...) em que se decide ou cair num padrão pré-fixado, cair na cama já feita, onde há comodidade e resignação(...) - ou se decide permanecer na guarda da reflexão ativa, aquela em que a pergunta "Onde está teu ir

mão" ainda é possível:

Mas onde está mesmo teu irmão?

Ele foi trucidado em Auschwitz, sucumbiu na guerra ou foi enforcado como desertor pouco antes que batesse o quinto minuto após as 12 horas?

Este atravessar o limiar-onde está a reflexão que leva à pergunta sobre o irmão-não é isolado e não consiste num único esforço para o qual a gente se dispõe, para depois estar a salvo para sempre; não, este passo tem que se realizar diariamente e esta realização se torna cada vez mais difícil, quanto mais os anos rolarem sobre a gente com sua lama de desapontamentos e esperanças desfeitas; O peso sobre a nuca a dobrar a cabeça encima do prato, de tal modo que o raio de visão não alcança mais nada além do alimento, este peso se torna, ano por ano mais pesado...

Eu não conto os bem sucedidos nem os ambiciosos como pertencentes àqueles que atravessaram este limiar, nem os famosos e conhecidos - não, geralmente são os anônimos - às vezes os que nem sempre têm a coragem de se manifestar. A nossa obrigação seria a de fortalecer sua coragem. Aqueles que não se deixam enganar pela pátina, que não se deixam abafar pela poeira que repousa sobre os acontecimentos, eu me refiro a todos que podemos chamar irmão e irmã...

E a nós é dirigida a pergunta "onde está teu irmão" e não podemos responder

simplesmente assim, sem um compromisso meu irmão se perdeu na História. Onde, em que ponto desta História ele se perdeu? Ele foi assassinado em Maidanek, morreu de fome em algum campo de prisioneiros de guerra, morreu em combate na Rússia, ou foi enforcado como desertor? História aconteceu por toda parte e nossos irmãos e irmãs foram mais nada do que o material para esta História? nada mais do que os incontáveis mortos que agora pertencem à grande História? (.....)

"Aqueles que conseguem transpor o limiar são os que ainda sabem o que seus olhos viram, o que seus ouvidos escutam, os que não caíram na surda comodidade. (...) Eu me refiro àqueles que se recordam e não se deixam confundir, quando se pergunta pelo irmão ou pela irmã. Os livros de História costumam apresentar os enganosos arredondamentos de números. Mas onde está mesmo teu irmão? Ele está escondido atrás dos zeros dos livros de História: Mas os algarismos passam a ter papel importante: os assassinos sobreviventes ficam a disputar, se foram trucidados quatro ou seis milhões de judeus. Nesta discussão sobrevive a mesma barbárie que os assassinou (...) O crime aconteceu aqui: Auschwitz não fica longe de Austerlitz e este tem seu lugar assegurado nos livros de História. Esperemos e fiquemos alertas para que também Auschwitz tenha seu lugar assegurado. (...)

E não permitiremos arredondamentos! nem um ente pode se perder pela interpola -

ção magnânima: nem um único recém nascido, morto em algum bombardeio; nem uma única criança judia abandonada por seus assassinos em alguma aldeia da Galícia; nem um único jovem russo que tenha caído nos moinhos da morte(...)

Nós, que aqui estamos reunidos, não somos de todo Caim, nem bem Abel: Nós não erguemos a mão para eliminar nosso irmão, nem nós fomos eliminados, nós somos sobreviventes, co-sobreviventes, pois conosco vive o Caim sobrevivente. Como resposta à pergunta sobre nosso irmão, só nos resta apontar para os grandes cemitérios deste mundo; cemitérios quase invisíveis, Auschwitz, Majdanek, Treblinka, onde uma sepultura representa um número incontável. Cemitérios de escravos de trabalhos forçados, de soldados, lugares por onde já passaram os tratores e as máquinas e onde hoje estarão construídos bancos e lojas de comércio. (...)

...quero aqui ainda falar de uma espécie de pró-semitismo, que me causa tanto mal estar quanto o anti-semitismo - uma espécie que me faz pensar. Este pró-semitismo que visa provar quantos judeus corretos havia. Pois bem, nem mesmo os nazistas negavam que os havia. É de se desconfiar quando se argumenta e se enumera, que havia tantos cientistas, artistas, mecenas - com isso se cai na argumentação dos anti-semitas; quando se tenta provar o contrário de suas afirmações a gente se nivela a eles. Trata-se de deixar bem claro que a injustiça não diminuirá em nada, mesmo

se todos os judeus fossem criminosos...
Nós, nós somos os sobreviventes a duras penas...
Tudo é passado... e a guerra é vista como uma aventura. (...)
Mas, o que aconteceu conosco, nós que não somos nem Caim nem Abel?
Retornamos da guerra reflexivos e esfo-meados, nos instalamos na selva, no caos e esperamos. Mas quanto melhor nos instalávamos, tanto mais se perdia a nossa reflexão, tanto mais nos precipitávamos sobre novidades, sobre este atual - (bom) álibi para a perda de nossa reflexão...
Novos conflitos políticos surgiram e pareciam nos obrigar a olhar para o futuro e não para o passado...
Mas no passado estavam enterrados nossos irmãos, pelos quais não nos interesávamos mais. (...)
Nós nos ajeitamos, arrumamos a selva, compramos qualquer espécie de quinilharia, adotamos as regras do jogo impostas por aqueles que não as esqueceram, aprendemos em que ocasião era mais adequado presentear flores à anfitriã. O parlamento aconselhou, refletiu, prescreveu terno escuro (...).
Mas estas pequenas atenções, que fazem parte da decoração, não são álibi para nós. Onde está teu irmão? (...)
Os nossos irmãos foram vítimas da guerra, nossos vizinhos foram assassinados, povos inteiros, gerações inteiras, eliminados, para que nós nos tornássemos uma geração de snobs, que se embala na certeza de que está passando bem, mui-

to bem, ou bem demais? (...)

Após a catástrofe, após a fome, nós es-
távamos amadurecidos para uma nova fra-
ternidade. Nós tínhamos uma espécie de
direito de primogênito para esta nova
fraternidade...

Nós deveríamos tentar fazer com que nos-
sos irmãos e irmãs mortos fossem teste-
munhas da vida que nós levamos aqui e
agora: pode parecer uma idéia fantômi-
ca, essa de que os mortos estejam a nos
observar! Todo um povo de mortos que se
agrupa em torno da Europa e nos obser-
va; um espesso muro de lamentações, on-
de de vejo lado a lado os trajes mais di-
versos: proletários judeus, vindos das
aldeias e das cidades da Galícia, sol-
dados em uniformes de todas as nações,
em todas as patentes, desertores balea-
dos ao lado de peitos condecorados e
estes ao lado de homens, mulheres e cri-
anças daqueles povos que talvez os des-
prezavam. Se nos chamamos cristãos e
cremos na imortalidade, tal quadro não
é tão fantástico assim. (...)

Nas fisionomias dos mortos eu não vejo
triunfo nenhum, apenas luto e amargura
de uma vã inutilidade.

Triunfo só vejo nos olhos daqueles que
eram culpados e que têm toda razão de
triunfar pois não é seguido o ensina-
mento que os mortos nos dão, mas sim o
ensinamento dos outros. Nós recaímos
nos padrões que já estavam pré-fixados,
usamos os vocábulos que deviam merecer
nossa desconfiança, e dentro de nós há
pouco espaço para fraternidade. (...)

Uma nova catástrofe não haveria de nos

encontrar protegidos com fraternidade.⁽¹¹⁾

A preocupação de Böll pelo presente e pelo futuro não elimina o passado.

O tempo é aquilo que nós fazemos, portanto não é uma categoria psicológica, mas sim histórica. Sem recordação não há História e o seu conceito de escritor é o de alguém que deve participar da História contemporânea.

Böll se tornou a voz dos que desapareceram e foram eliminados cruelmente. O seu engajamento era a responsabilidade de escritor que não queria esquecer, nem se livrar da culpa, ao contrário da maioria da nação.

Böll não calava, era a voz de uma consciência que não se submetia à autoridade, também não era um político, mas sim uma instância política da República Federal.

Já em 1947 Böll escreve uma pequena obra de nome Die Botschaft (A Mensagem) onde se diz: "neste momento eu sabia que a guerra nunca estaria terminada, nunca, enquanto em algum lugar ainda sangrasse uma ferida por ela provocada".

Passado e presente formam uma unidade e o escritor vê com a sua tarefa e sua missão, a de lembrar esta unidade, a de torná-la visível.

Em 1961 Böll publica uma coletânea de contos e peças radiofônicas e também os discursos escritos entre 1950 e 1965. Neste mesmo ano sua cidade natal lhe concede o prêmio da Cidade de Colônia

6. O catolicismo em questionamento

O próximo romance de renome é Ansichten eines

Fragmentos; r. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 1, 197-242, Jan./Jun. 1986

Clowns (1963) Opiniões de um palhaço .

Hans Schmier, filho de um industrial da região do Reno, a mãe participante da vida social, tanto durante o terceiro Reich, quanto no pós-guerra, é educado para se adaptar às condições como elas vão surgindo. Este jovem seafasta deste lar, nega-se a entrar para o empreendimento do pai, não quer participar da organização social reinante. Deixa a escola antes de se formar, une-se a uma jovem, vive em concubinato (apesar de "ser monogâmico por natureza"), trabalha como palhaço mímico, com perspectivas de boa carreira. Mas a jovem Marie o abandona para casar "torretamente" na igreja, a situação de concubina se torna ra insuportável naquele ambiente. Hans se arruina e sobrevive com altas doses de álcool.

A estória é aparentemente banal. Há que explicar.

1) A razão porque o jovem deixa o lar; por haver percebido a educação para as conveniências que recebera; a falta de caráter, a tolerância quanto a nazistas e a moral em concordata de agora
2) Hans, que rejeita este ambiente; se une a uma jovem pobre, filha de um ex-comunista, que fora perseguido no Terceiro Reich e ainda hoje discriminado. 3) Hans, que deveria seguir uma carreira "correta", abraçar uma profissão "correta" etc, não termina o curso secundário, vai ser aprendiz de artista por conta própria, não aceita a ajuda do pai para isso. 4) O ato de revolta e resistência do palhaço-mímico mostra a compreensão de Büll para a jovem geração da época. 5) Hans havia visto e presenciado, ele tinha os "olhos abertos" e como pantomimo reproduzia distanciadamente as pessoas e suas atitudes naquele mundo de conveniências e interesses da nova Alemanha. 6) Este tipo de vida era

Fragmentos; r. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 1, 197-242, Jan./Jun. 1986

a maneira deste jovem conseguir se ajeitar em seu ambiente: ao mesmo tempo hilariante e com íntima ligação com a esfera de melancolia. 7) Necessitando de uma fonte de esperança e amor, o jovem lança mão do álcool e acaba perecendo, quando perdeu a mulher amada.

Em Opiniões de um palhaço B811 lança mão de um recurso muito antigo: os palhaços das cortes antigas, ao mesmo tempo que divertiam também diziam, por gestos, metáforas ou diretamente, toda a verdade que os soberanos se negavam a ouvir de outros. A máscara permite dizer a verdade!

Neste romance B811 discute com a Igreja Católica a sua moral. Já em 1961 ele publicara um ensaio em forma de carta, chamado Carta a um jovem católico (12) em que acusa as religiões que aceitam a guerra, principalmente a católica, pois era seu caso.

"Jovem amigo, procure prestar bem atenção quando teólogos falam de justa defesa. Esta palavra é tão grande e tão barata, que deveria ser proibida. Os netos daqueles homens que caíram na guerra de 1914 são hoje treinados em canhões atômicos e após 44 anos ainda não há consenso dos historiadores quem, no ano de 1914, se encontrava na situação de justa defesa" (pg.6)

B811 se dirige ao jovem católico que vai servir ao exército e a partir da sua experiência, que começou em 1938 quando tinha 20 anos e quando os soldados católicos faziam um dia de concentração especial para recrutas, assim se recorda :

"O padre que dirigia a concentração se proseava com suas próprias experiências de sol

dado: ele havia sido sargento na primeira guerra mundial, era um dos poucos suboficiais portadores do Pour le Mérite. Após o discurso sobre o capitão de Cafarnaum - ah, este "complexo de capitão" do cidadão alemão! seguiu uma instrução prática que consistia em conselhos, como se poderia evitar a embriaguez nas inevitáveis festas da companhia e das noites com os camaradas; era muito importante evitar a embriaguez porque após as festas se costumava ir coletivamente visitar os bordéis; os perigos para os quais éramos advertidos eram morais, o que significava: sexuais". (pg.7)

Caro Senhor M., não se deixe convencer, que tudo seja muito inofensivo, que perigos morais são provêm de moças de vida airosa. Os perigos morais provêm de outro lugar e de outro modo. (pg.17)...

Para mim, quando eu tinha a sua idade, foi perigo moral de alto grau, quando o Vaticano, como primeiro Estado, assinou um tratado com Hitler...

Logo após a assinatura deste tratado entre o Vaticano e Hitler, era considerado chic ir à comunhão em uniforme da SA... chic e moda, mas também era lógico e quando após a santa missa se voltava ao serviço, podia-se cantar em sã consciência "Quando jorra o sangue dos poloneses, russos, judeus..." ; trinta milhões de poloneses, russos, judeus tiveram que morrer, caro Senhor M. (pg.25) ...Quem há de descobrir onde começa a defesa ao onde acaba o ataque. Talvez o Sr. vá voar sobre a Europa num elegante avião com bombas atômicas a aí irá se manifestar aquela instância, que já ficou até suspeita a simples citação: a consciência.

Consciência também é uma palavra grande, eu

sei, e a instância que designa esta palavra depende de inúmeros e incontáveis pormenores, mas não esqueça: foi esta a instância a que os jovens obedeceram, os que decidiram oferecer resistência a Hitler e eles sabiam qual o preço que lhes era exigido;...(pg. 25)

Böhl, cristão e católico por herança e convicção, não negando nunca a sua catolicidade, não deixa de investir, se necessário amargamente, contra o estabelecimento clerical.

7. O distanciamento do não-conformista

A produção de H.Böhl foi contínua. Ainda em 1963 publica um volume de ensaios com o título Hierzulande, Aufsätze zur Zeit (Aqui no País, Artigos sobre a Época). Em 1964 sai a obra Entfernung von der Truppe (Distanciamento da Tropa). O tema que envolve guerra ou paz não deixa de ser a preocupação de Böhl. A tropa, o grupo de pessoas que não é uma comunidade, mas uma designação de quartel, figura no título desta obra de 1964. Em 1966 sai Ende einer Dienstfahrt (Final de uma Viagem de Serviço).

A tendência, além de indicar para envolvimento de guerra, pode também levar à idéia de resignação, despedida, ponto final, não participação. Em Distanciamento da Tropa, chamado pelo autor de "conto", o narrador em primeira pessoa aparenta "não estruturar sua obra narrativa como escritura acabada" (p.20) mas apenas como "arcabouço" (p.24) à semelhança de cadernos de desenhos infantis, que oferecem pontos numerados e que ligados entre si resultam em figuras, que conforme a criatividade da cri

ança (ou leitor) pode ser formada ou reformada em outras figuras, através da "liberdade artística"(p.20), que nem estavam previstas nos desenhos modelo, ou então apenas intencionadas.

O tema da obra Distanciamento da Tropa parece também um distanciamento de todas as tropas: o autor entrega a narrativa às tropas de leitores, não só às "regulares" como dos partidos, igrejas, agremiações, mas também às "irregulares" dos não-conformistas, anarquistas, individualistas, etc.(p.139) A última comunicação é a seguinte: " O narrador esconde algo. O que será?" (p.141).

Esta obra merece um estudo mais aprofundado, mesmo porque o autor provoca um jogo com o leitor: o conto inicia assim:"Antes de chegar propriamente ao tema desta engrenagem narrativa (engrenagem aqui no sentido da engrenagem de um relógio) antes de chegar à família Bechtold, à qual eu me liguei no dia 22 de setembro de 1938, de tarde, pelas cinco horas, na idade de vinte e um anos, queria dar algumas explicações com referência a minha pessoa , para que elas sejam mal entendidas e despertem desconfiança". Na pg. 38 diz este narrador na primeira pessoa: "Através deste, prometo solenemente, que no final desta "engrenagem narrativa" apresentarei uma moral prontinha e também uma interpretação, que irá tornar inútil a reflexão e os suspiros de todos os intérpretes desde o aluno do colegial até o mestre dos intérpretes nos seminários universitários".

Certamente em outros artigos veremos onde ficam as reflexões e os suspiros!! A promoção vale para os críticos e intérpretes. Final de uma viagem de serviço é a "Erzählung" que flui suavemente.

Büll apresenta uma audiência judicial que se passa

numa pequena cidade (Birglar) na região do Reno. O ritual da audiência, testemunhas e pessoal judicial dão forma à narrativa.

Pai e filho Gruhl estão às voltas com o imposto de renda. Gruhl Filho, servindo o exército, tem que realizar uma viagem de serviço de Jeep, com a única finalidade de completar os 5.000 quilômetros para levá-lo à inspeção. Uma ordem estranha, que Gruhl cumpre de maneira bizarra: pai e filho queimam o Jeep. Devido a isso eles estão frente ao juiz e a sessão passa a ser um acontecimento social, onde familiares se encontram, e onde é examinada uma ação de lesa-pátria.

Em 1967 B811 publica Aufsätze, Kritiken, Reden (Ensaaios, Críticas, Discursos) e em uma "introdução" é relatada a fonte original deste conto: iniciado com 15 páginas, uma pequena estória sobre uma viagem de serviço, depois de uma segunda versão com 40 páginas, classificada como uma "novela mal sucedida" e assim até à sexta versão, que é o livro Final de uma Viagem de Serviço. Sobre o tema deste conto, Rudolf W. Leonhard diz:

"Muitos são de opinião que na confrontação do Humano, como algo marginal à sociedade, como um mundo desumano da fiscalização ou da militarização ou da ordem estatal - burocrática, teria B811 encontrado um tema de acordo com suas experiências de vida, seu ambiente e seu temperamento de escritor"(13)

8. Uma mulher como exemplo de resistência

- O Prêmio Nobel de Literatura

Em 1971 B811 publica uma obra de fôlego: Gruppenbild mit Dame (Foto de grupo com Senhora) O próprio B811 declara que este romance é "um resumo e uma continuação dos romances . "

Aqui a novidade não é só o fato de uma mulher estar no centro dos acontecimentos, mas também que esta mulher, durante quase cinquenta anos de história da Alemanha, demonstra ser o exemplo de humanismo inquebrantável, resistindo a uma sociedade cruel e desumana. Na tentativa de interpretar este romance, principalmente a figura central, a Senhora, já foram publicadas diversas obras, uma delas com o sugestivo título de A Madonna subversiva (14).

Como somos de parecer que este romance é uma das obras mais importantes, se não a mais significativa do escritor Heinrich Böll, desejamos deixar qualquer comentário sobre Foto de grupo com Senhora para um artigo em especial.

Esta obra levou também Böll ao prêmio Nobel de Literatura, no ano de 1972. No dia 10 de dezembro deste ano Böll recebe o prêmio e profere curto discurso, do qual apresentamos alguns segmentos:

"Senhor Primeiro Ministro, cara Sra. Palme, minhas Senhoras, meus Senhores. Por ocasião da visita à República Federal da Alemanha, sua majestade o Rei da Suécia lançou sabiamente o olhar sobre as camadas de transitoriedade da região de onde viemos e onde moramos.

Aquele chão não é nem virgem nem isento de culpa e nunca ele gozou de paz. A cobiçada terra do Reno, habitada por cobiçadores, teve inúmeros soberanos e por isso viu muitas guerras. Coloniais, nacionais, regionais, locais, confessionais, guerras mundiais. Viu pogroms e expulsões; refugiados vinham de outras regiões, muitos foram levados daqui: (...) Violência, destruição, dor, desentendimentos estão semeados no caminho daquele que

vem de lá, saído das camadas de passada tran-
sitoriedade em direção a um presente transi-
tório... (...) Mas se essa terra tivesse
possuído alguma vez um coração, este pulsa-
ria ali onde flui o Reno. Foi uma longa his-
tória até à República Federal da Alemanha...
(...) O caminho até aqui foi um longo cami-
nho para mim, desde que eu, como muitos mi-
lhões, regresssei da guerra, quando nada pos-
suaia além de duas mãos no bolso, e me diferen-
çava dos outros apenas na paixão de querer es-
crever e escrever.

O escrever me trouxe até aqui. Permitiam-me
os Senhores, mas parece-me duvidar do fato
de eu estar aqui, quando volto os olhos pa-
ra o jovem que após longos descaminhos e
demorados desolamentos voltou à pátria de-
solada; não só escapado da morte, mas tam-
bém da ânsia de morrer; libertado, sobrevi-
vente.

Paz - (eu nasci em 1917) apenas um vocábulo,
nem objeto de recordação, nunca uma situação.
República - não só é palavra de origem es-
trangeira, mas recordação em farrapos.

Aqui e agora eu deveria agradecer a muitas
pessoas, a autores estrangeiros que se tor-
naram libertadores, que libertaram o estra-
nhável e o estranho, liberando o aprisionado,
que se recusou a si mesmo o próprio nacional
devido a sua materialidade. O resto foi con-
quista da língua, nesta recusa da material-
idade, deste punhado de pó que parecia espalha-
do frente à porta e no entanto tão difícil
de compreender e apriender. Quero agradecer
ao estímulo de amigos e críticos alemães, a-
gradecer também tentativas de estímulos, pois
muita coisa acontece sem guerra, nada no en-
tanto, me parece, sem resistência...

(...) Com temor penso em meus predecessores
alemães que aqui no espaço desta desgraçada

dimensão do próprio nacional não mais quiseram ser alemães.

Nelly Sachs, salva por Selma Lagerlöf, por pouco escapou da morte. Thomas Mann, expatriado e exilado. Herman Hesse, emigrado do próprio nacional, há muitos anos não mais cidadão alemão, quando aqui esteve.

Cinco anos antes de meu nascimento, há sessenta anos estava aqui o último premiado alemão, que ainda morreu na Alemanha: Gerhard Hauptmann...

Eu não sou nem um nacional propriamente nem o contrário, eu sou alemão, minha única e válida identidade, que ninguém me fornece nem prorroga, é a língua na qual escrevo. Como tal, como alemão, eu me alegro pela grande honra. Eu agradeço à Academia Sueca e à Suécia por esta honra, que certamente não se dirige apenas a mim, mas também à língua na qual me expresso e ao país, do qual sou cidadão" (15).

A intensa busca de Böll é a da recuperação de identidade perdida, identidade de alemão. E por isso ele se posiciona frente aos problemas de hoje e procura agir como consequência de Auschwitz. Para Böll, engajar-se como alemão significa penar a culpa.

A língua como identidade, a palavra como responsabilidade. A responsabilidade da palavra verdadeira, mesmo que a verdade seja incômoda. O preço desta verdade está expresso no posfácio à obra de Wolfgang Borchert que Böll escreveu em 6/8/1955, onde conclama os jovens de hoje a valorizarem a liberdade de expressão, comparando-a com a condenação do jovem Borchert, que durante seis semanas esperava em cela incomunicável, a execução à pena de morte, por causa de algumas cartas, onde es

crevera a sua opinião sobre Hitler.

9. O livre escritor como instituição

O valor, o peso e a responsabilidade da palavra é expresso em trechos de discurso que Böll proferiu por ocasião da entrega do prêmio Edward-von-der-Heijdt da cidade de Wuppertal, em 24.1.1959 e que ele intitulou de Die Sprache als Hort der Freiheit (A língua como guardião da liberdade).

" (...) Quem lida com palavras de maneira apaixonada como devo reconhecer ser o meu caso, se torna tanto mais cauteloso quanto mais exerce esta atividade, porque nada o isenta do reconhecimento de que palavras são entes divididos em nosso mundo; mal elas foram faladas ou escritas, já se transformam e colocam nos ombros de quem as falou ou escreveu uma responsabilidade, cujo peso raramente ele consegue carregar: quem escreve ou fala a palavra "pão", não sabe o que provocará com ela - por causa dela já foram travadas guerras, praticados crimes ela carrega em si uma herança violenta e quem a escreve deve saber qual a herança que ela carrega... (...) Não é por acaso que em épocas em que as produções intelectuais são consideradas perigosas, a primeira coisa que se proíbe, são os livros e a censura interfere em jornais, revistas e na imprensa falada... (...) Em todos os Estados onde reina o terror, a palavra é quase mais temida do que a resistência armada e frequentemente esta é consequência daquela. A língua pode ser o último refúgio da liberdade. Assim gostaria que ficasse bem compreensível porque eu - como livre cidadão que trabalha

com palavras, aqui sendo honrado por esta livre cidade - cito uma instância que aparentemente não tem nada a ver com a arte: a consciência; não a consciência artística, (...) mas a consciência do homem como ser social. Palavras têm efeitos profundos, bem o sabemos porque os sentimos na própria carne. Palavras podem provocar guerras... nem sempre são as palavras que levam à paz. . . Palavras podem matar e é apenas uma questão de consciência, permitir que a língua caia ou não no campo em que ela se torne assassina(...)

Pode parecer estranho que alguém, que se proclama amante apaixonado da língua, profira daqui um discurso que contenha tão obscuros prognósticos políticos...mas a ênfase política...provém do saber, que política é feita com palavras e são as palavras que fazem o homem se tornar objeto da política e o fazem sofrer sua História.

(...) Quem - como hoje faz a cidade de Wuppertal - honra um livre escritor, sua obra, honra a promessa contida em sua arte, mas também honra a liberdade e os possíveis erros e enganos que provenham desta liberdade; não serão jamais erros e enganos assassinos, enquanto língua e consciência não tiverem se separado.

(...) O escritor que se curva aos poderosos, até se oferece a eles, se torna horrivelmente criminal, ele incorre em mais do que roubo ou assassinato...(...) um escritor que comete esta traição, trai todos aqueles que falam sua língua.

(...) Esta honra, que hoje me é prestada eu só posso aceitar, se me permitirem crer que ela não significa apenas a minha pessoa ,

mas - permitam-me a abstração - também a mim como instituição: a instituição do livre escritor, que só existe numa sociedade livre, que, servindo-se da palavra, lhe mostra sua riqueza e pobreza.

(...) Através deste prêmio, os Senhores prestam homenagem à sociedade na qual o livre escritor, o livre artista ainda é possível e eu agradeço como a pessoa homenageada e também como representante da instituição que - comprometida com a lei não escrita - não reconhece Senhor terreno nenhum acima de si e que através da palavra vigia e defende a dignidade do homem"(16)

A sociedade como um todo, estabelecida na República Federal merece o olhar vigilante e implacável de Böll em seus romances, contos e escritos, e conforme sua consciência escreve a verdade sem dourá-la ou deturpá-la. Não há neste país, seja do nível federal até o nível municipal, organização que não tenha sido alfinetada por Böll, no entanto, apesar do desmascaramento, aplaude e concede prêmios ao seu autor. Os mais diversos setores o escolheram como seu homenageado:

1951: prêmio da Gruppe 47

1952: prêmio René-Schickele

1953: prêmio dos Escritores do Sul da Alemanha

1954: prêmio da "Tribune de Paris"

1959: prêmio Eduard-von-der-Heijdt

(prêmio cultura da cidade de Wuppertal)

1960: prêmio Charles H. Veillon

1961: prêmio de Literatura da Cidade de Colônia

1965: prêmio d'Isola d'Elba

1966: prêmio Internacional da Calábria

1967: prêmio Internacional do Concurso para pequenos Contos, Alecko-Bulgaria

: prêmio Georg Büchner - Darmstadt

1972: prêmio Nobel de Literatura

O discurso do homenageado mostra sua satisfação de homem, mas também não esconde o mal-estar de escritor que não deixa de expressar a sua intenção de não se submeter ao poder e poderosos. A palavra - "levada pela paixão do escritor, que vê o mundo como deveria ser, desejando modificá-lo, é livre e permanecerá" (17)

Böll como escritor não se omite ao engajamento. Se em cada obra de ficção, seja conto ou romance, ele escreve um capítulo da era após Hitler, apresentando pedaços do presente, exemplificando o acontecer político-social da República Federal da Alemanha, o cidadão Böll, como intelectual de responsabilidade também não se omite quando sente o erro e injustiça, quando percebe que a sobrevivência da guerra, os horrores experimentados estão sendo esquecidos e reprimidos.

Heinrich Böll não era um político partidário, e isso porque necessitava da liberdade para dizer "não" a qualquer momento. Assim foi seu empenho decisivo contra as leis do "Estado de Emergência" em meados de 1968 e o modo de sua tramitação no Congresso.

Böll pronuncia discurso em Bonn com veemência ameaçadora e uma visão apocalíptica das consequências que a aprovação de tais leis poderá trazer. Não só lança o libelo aos responsáveis pela tramitação e aprovação da lei, mas crê no bom senso comum.

Fragmentos; n. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 1, 197-242, Jan./Jun. 1986

"...eu ainda tenho uma pequena esperança que ela (a lei) não chegue a ser aprovada, senão não estaria aqui". (18)

Com a esperança de que a lei do estado de emergência não seja aprovada, Bôll aconselha a seus ouvintes que não se deixem levar a atos de violência, que seriam a justificativa de tal lei.

"Os Senhores têm que repensar tudo, redefinir, não há modelo a ser seguido. Os Senhores deverão se articular de tal maneira que a sociedade que deverá ser modificada, seja levada ao diálogo". (18)

Bôll também chama a atenção para a diferença que há entre certos tipos de manifestações:

"Se os colonos desfilam em manifestações e apresentam o enforcamento simbólico de um ministro, demonstrando com slogans em seu próprio interesse, nunca acontecem confrontos com a polícia, conforme é de meu conhecimento.

Os Senhores analisem as diferentes reações na imprensa, parlamento e opinião pública, quando se trata de demonstrações de estudantes! As conclusões desta análise mostram os rastros dessa sociedade.

(...) Voltemos o pensamento até 1945.

Os Senhores constatarão que entre 45 e 50 foram distribuídos os mais importantes privilégios. Uma licença para funcionamento de um jornal era mais valiosa que um condado na Idade Média. Mais privilégios vieram com a reforma monetária. Neste país domina um fluxo latente de feudalismo, difícil de ser provado. Esta condição tem que ser mudada, mas politicamente seria sem sentido,

se estes domínios emaranhados fossem eliminados com atos de violência". (18)

Ainda nesta luta contra a lei do "Estado de Emergência" Böll declara para a rádio emissora de Hessen, em 28.5.68:

"Afirma-se que o público está suficientemente informado sobre o conteúdo dessa lei de emergência. Isto é uma mentira... O que se passa é tão pleno de truques e tão nebuloso como quando foi votado o rearmamento que nos presenteou o funesto exército".(19)

Böll não escondia a sua mentalidade anti-militarista e anti-nacionalista:

"Eu não sou nem diplomata, muito menos político. Eu sou um contemporâneo sobrevivente, um cidadão alemão e escritor e aqui desejo declarar de público que todo jovem alemão, que se nega ao serviço militar, tem minha total simpatia" (19)

Essa lei de emergência que aparentemente previa medidas para casos de catástrofes ou fenômenos da natureza, na verdade dava poderes de mobilização ao governo, o que Böll não podia admitir e daí seu protesto.

10. Os (in)limites da violência

A violência e o uso do poder merecem a radical repulsa de Böll. Em 1972 ele publica um artigo intitulado

Fragmentos; n. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 1, 197-242, Jan./Jun. 1986

"Die Würde des Menschen ist unantastbar" ("A dignidade do homem é intocável"), em que se refere à atuação da imprensa e principalmente de uma certa imprensa marrom e reacionária na República Federal, bem caracterizada pelo jornal Bild :

"E é quase incompreensível que nesta terra só se entenda por violência a violência de bombas e metralhadoras. Por acaso uma manchete de Bild não exerce violência? Qual? Considerem o potencial em agressões que tal manchete provoca na mente e na consciência destes onze milhões de viciados, do mais perigoso vício político, do vício do jornal Bild . (20)

É famoso o artigo que Böll escreve ("Ulrike Meinhof quer perdão ou liberdade") pedindo liberdade para a terrorista Ulrike Meinhof. As reações a este seu posicionamento foram de tal ordem agressivas contra Böll, que certamente motivaram o romance publicado em 1974 Die verlorene Ehre der Katharina Blum (A honra perdida de Katharina Blum), que traz o subtítulo: "Como surge a violência e até onde ela pode levar". A introdução do conto apresenta uma justificativa não do narrador, mas do autor:

"As pessoas e a ação deste conto são livres criações. Mas se nesta descrição resultarem certas semelhanças com práticas jornalísticas, com a prática do jornal Bild , estas semelhanças não são nem intencionais nem casuais, mas sim inevitáveis"

A intenção de Böll é a de mostrar todo o seu desprezo pelas práticas deste jornal Bild na sua ideologia ,

Fragmentos; a. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 1, 197-242, Jan./Jun. 1986

na sua direção, e atuação de repórteres, redatores, etc. A intenção de Böll certamente é a de atingir os milhões de leitores que, como viciados e ávidos de sensacionalismo, se lançam diariamente sobre esta imprensa marrom, sem avaliar a desumanidade que há em um jornal desta espécie.

Katharina Blum, 27 anos de profissão doméstica, uma cidadã normal conhece um jovem durante a festa na casa de sua madrinha. Passam a noite juntos no apartamento de Katharina. Na manhã seguinte ela é presa pela polícia e submetida a interrogatório humilhante durante todo o dia, pois o jovem era um criminoso procurado pela polícia. As implicações que decorrem desse envolvimento com o jovem, são um aspecto do conto e o outro são as práticas do "Jornal" (assim chamado no conto).

Katharina, vivendo uma vida normal de uma simples e normal cidadã, é levada ao desespero pelas múltiplas e diabólicas maquinações e calúnias por parte da polícia e principalmente por parte dos repórteres daquele jornal, que finalmente acaba dando um tiro num deles, num último gesto de auto-defesa. Justificando, assim, o subtítulo do conto.

Hildegard Hann -Brücher, a deputada, ministra e mulher engajada política -partidariamente, escreve em 1970 sobre Böll:

"...sua obra se tornou a crônica do retorno não cumprido.

(...)Deve-se perguntar o que esperavam Heinrich Böll e tantos outros que após 45, aliviados pela libertação dos aliados, agora se lançavam em algum engajamento...

De onde vem seu desapontamento?...

...Heinrich Böll tinha posto esperanças numa nova era após a época de Hitler. Uma era em que a fé e o amor, a esperança e a dignidade haveriam de se renovar. Em vez disso, neste país se ama como aconselham as revistas, crê-se no que o jornal Bild escreve, teme-se tudo o que possa perturbar o sossego e espera-se a próxima loteria". (22)

Não só Böll conclui como perigoso esse "acreditar cego" que é dado ao jornal Bild.

Em 1979 Böll publica o romance Fürsorgliche Belagerung (Cerco tutelado). O velho Toim e toda sua família "são guardados e vigiados" as 24 horas do dia. Ninguém desta família dá um passo sem a tutela de funcionários vigilantes, nenhum telefonema sem escutas, nenhuma viagem sem carros batedores ou helicópteros. A família é guardada porque é tida como ameaçada de assaltos. Assim como em outras famílias se tem dois carros, os Toim tem duas vidas.

Talvez Böll fosse levado a introduzir nesta obra as experiências que ele mesmo teve com a polícia, pois também sua casa foi cercada, invadida, vasculhada, seus filhos ameaçados. Mas ele mesmo fala da questão da autobiografia em seus romances numa entrevista:

"Na cultura ocidental existe uma tradição profundamente enraizada em que se afirma que o autor é o próprio herói ou aproxima a sua vida da vida do personagem principal. A isso eu quero contradizer energeticamente. Pode haver outra comparação: o Senhor sabe que muitos diretores de filme, por pura brincadeira talvez, desempenham uma ponta em seus filmes.

Não só Fassbinder, mas também Kikutner e outros. De repente eles aparecem como mordomos, trazem um copo de cerveja, abrem uma porta... eu me vejo talvez assim em meus romances".(23)

Portanto, Tolm não é Böll sem culpa, assim como os "vigilantes cuidadosos" não são culpados pelo seu trabalho desprezível.

Como toda sua obra, este romance não deixa de narrar mais uma etapa da história da República Federal da Alemanha e não deixa também de alertar para o fato de que um Estado do vigilante pode chegar a um Estado altamente vigiado.

Impossível em um pequeno artigo enumerar toda a obra literária deste autor. Além dos contos e romances, Böll ainda cria e adapta para o rádio - são dramas ou curtas cenas radiofônicas: adaptando Honoré de Balzac, escreve Eugénie Grandet, onde mostra o destino de uma mulher no começo do século passado. Capítulos dos romances Onde estavas, Adão e Não disse palavra alguma são fonte para cenas radiofônicas, que despertavam grande simpatia nos anos sessenta.

Böll também escreve para o teatro, sendo que uma das peças mais conhecidas é Aussatz (Lepra).

Em 1976 Böll edita com Günter Grass e Carola Stern a revista L76, que procura se engajar pela "Democracia e Socialismo" e que não só abrange contribuições literárias, mas também políticas. A revista visava principalmente ser um fórum numa época em que a repressão aumentava na República Federal da Alemanha e onde o conceito de socialismo estava sendo deturpado. A revista com Böll e Grass como editores tinha assim uma

Fragments; r. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 1, 197-242, Jan./Jun. 1986

garantia de liberdade e abertura para o protesto contra as limitações geradas pelos decretos de conduta ideológica, que limitavam os direitos fundamentais do homem na democracia. (24)

Como obra póstuma deverá sair um romance ainda , que pretende ter o título Senhoras junto à margem do Rio.

Como "sobrevivente consciente" Böll se engajou em todos os âmbitos da cultura, mesmo até pouco antes de sua morte ainda acompanhou a milhares de alemães que se manifestavam contra o estacionamento das armas superatômicas na República Federal da Alemanha. Seu apoio aos "verdes" era valioso e punha fé na tarefa a que se propunham.

A sua presença era constante até nos seus últimos dias, assim como foi constante o seu olhar crítico sobre a sociedade alemã. Por isso mesmo era incômodo.

Incômodo aos governantes reacionários, e autoritários, incômodo às autoridades tradicionalistas que não admitem reformas

Castigado com o desprezo de fascistas, que o intitulavam de intelectual insatisfeito, Böll não esmorecia. Seus livros, seus romances, contos, discursos, ensaios fascinam, entusiasma, provocam o riso ou levam à preocupação. Böll é o autor polêmico, que desperta simpatia e carinho. Ele é um caso especial, talvez por ser, na verdade, um sonhador acreditando na sua utopia. A um amigo ele dizia:

- Não devemos temer por avançar demais. A esperança desta utopia não sairá de dentro de mim.

- Qual utopia?

- A de uma sociedade sem lucros e sem classes. (25)

N O T A S

1. Internationales. Heinrich Böll, Ueber mich selbst. Kultureller Tonbanddienst, 1 .
2. Heinrich Böll. Frankfurter Vorlesungen, 4.Aufl.Muenchen,1977, p.26.
3. Heinrich Böll. Erzaehlungen, Opladen, 1958,p.262 ss.
- 3a.Heinrich Böll. Frankfurter Vorlesungen, op,cit. p 26.
4. Horst Bienek. Werkstattgespraeche mit Schriftstellern, Muenchen, 1962, p149.
5. Heinrich Böll. Werke, Kiepenheuer und Witsch, Koeln,Bdl,p71 ss.
6. Id ibidem, p. 74,75 .
7. Entrevista publicada no jornal Die Zeit em 11.6.1985 .
8. Wolfgang Borchert. Draussen vor der Tuer und ausgewaehlte Erzaehlungen, Rohwolt, Hamburg,1964,p. 135.
9. Heinrich Böll. "Bekentnis zur Truemerliteratur", In:Werke, op.cit.p.31 ss .
- 9a. Ibidem p.32,33 .
- 9b. Ibidem p.35 .
- 10.Heinrich Böll. Irisches Tagebuch, dtv, 1961,p.6,7.
- 11.Heinrich Böll."Wo ist dein Bruder?", in Werke, op.cit.p. 167.
- 12.Heinrich Böll. Brief an einen jungen Katholiken,Kiepenheuer und Witsch, Koeln, 1961 .
- 13.Rudolf Walter Leonhard, "Kongruenz in Inkongruenten:Entfernung von der Truppe und Ende einer Dienstfahrt", In: In Sachen Böll, Ansichten und Einsichten, Hrsg.v.Marcel Reich Ranicki, dtv, 1968, p.236,237 .
- 14.Die subversive Madonna, Hrsg. v.Renate Matthai, Kiepenheuer und Witsch, Koeln .
15. Heinrich Böll. "Rede zur Verleihung des Nobelpreises am 10.12.1972 in Stockholm", in: Der Lorbeer ist immer noch bitter, Literarische Schriften,dtv,1973,p.142 ss .
- 16.Heinrich Böll. "Die Sprache als Hort der Freiheit" in:Werke, op.cit.p.301 .
- 17.Stefan Heym. "Das Establishment und die Verantwortung", in: In Sachen Böll, Ansichten und Einsichten, op.cit.p.153.

18. Heinrich Böll. "Radikale fuer Demokratie", in: Schwierigkeiten mit der Bruederlichkeit, politische Schriften, dtv, 1976, p.9 ss .
19. Ibidem, p. 12,13 .
20. Heinrich Böll. "Die Wuerde des Menschen ist unantastbar" (Vorwort zu "Wie links koennen Journalisten sein?"), in: Schwierigkeiten mit der Bruederlichkeit, politische Schriften, op.cit.p.97 .
21. Heinrich Böll. "Will Ulrike Meinhof Gnade oder freies Geleit?" (1971), in: Schwierigkeiten mit der Bruederlichkeit, politische Schriften, op.cit,p.97 .
22. Hildegard Hamm-Bruecher. "Das Anti Zeitgenoessische", in: In Sachen Böll, Ansichten und Einsichten, op.cit.p.145 ss .
23. Heinrich Böll, "Eine deutsche Erinnerung", Interview mit René Winzen, Kiepenheuer und Witsch, Koeln, 1979 .
24. L 76. Demokratie und Sozialismus. Politische und literarische Beitraege. Hrsg. von Heinrich Böll, Günter Grass und Carola Stern. Frankfurt/Koeln: Europäische Verlagsanstalt, 1976, Nr. 1, 192 ps.
25. Entrevista (carta) a Fritz J. Raddatz, do jornal Die Zeit , 1985 .